

A TRÍADE CULTURA, CIÊNCIA E MERCADO: OS PADRÕES DE BELEZA CORPORAL MASCULINA COMO FOCO DE ANÁLISE

Elder Silva correia¹

Universidade Federal de Sergipe

Fabio Zoboli²

Universidade Federal de Sergipe

CORPO E CULTURA: CONCEITOS E APROXIMAÇÕES

O termo “cultura” é um conceito dos mais importantes e mais utilizados por todas as ciências que abrangem o campo das ciências sociais e humanas tais como a antropologia, a sociologia e a filosofia. O conceito de cultura possui diversas definições em diferentes momentos históricos e devido a isso pode ter um sentido mais restrito ou mais abrangente.

Partindo da antropologia, o termo “cultura” pode ter dois grandes sentidos que mostra sua evolução durante a história. O primeiro, podemos detectar nas palavras do antropólogo Edward Tylor no século XI, cultura é “(...) todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, leis, moral, costume, e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (Daolio *in* González; Fensterseifer, 2005, p. 106, 107). Tal definição considera a cultura apenas como algo externo ao homem, e algo construído pelo mesmo. A partir de definições como essa, possibilitou-se separar a sociedade em grupos onde uns eram considerados mais civilizados e com mais cultura, e outros menos civilizados e com menos cultura. Passou-se a considerar então que as sociedades que tinham comportamentos diferentes

¹ Graduando de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe- UFS. Membro do Grupo de pesquisa CEMEFELL Centro de Memória da Educação Física, Esporte e lazer de Sergipe. Email: elder.correia17@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia- UFBA. Membro do Grupo de pesquisa CEMEFELL Centro de Memória da Educação Física, Esporte e lazer de Sergipe. Email: zobolito@gmail.com

dos europeus (ditos como civilizados) eram consideradas selvagens, primitivas, ou menos desenvolvidas.

O segundo sentido do entendimento do termo “cultura” vem a partir do século XX, a partir dele passou-se a não mais classificar sociedades/homens como mais ou como menos desenvolvidas, e sim sociedades/homens culturalmente diferentes com os mesmos direitos. A cultura deixou de ser apenas algo externo ao homem, e passou a ser um processo dinâmico e intrínseco a todos os seres humanos. Desta forma, nas palavras de Marilena Chauí “(...) cultura é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística” (Daolio *in* González; Fensterseifer 2005, p.107)

Partindo deste olhar, tendo como foco o viés das ciências sociais e humanas, a cultura é um sistema de símbolos, significados/sentido que uma determinada sociedade dá aos seus hábitos, costumes e crenças.

Geertz, se utilizando de Max Weber, afirma que cultura é uma teia de significados que em todo instante orienta e dá sentido e significado a vida do ser humano. Compactuando com tal citação, cultura seria uma teia de significados construída pelo próprio homem, onde o mesmo se prende a essa teia para dar significado para suas ações e até mesmo para sua existência. O homem tem a condição de ser humano pelo fato da natureza do homem ser um ser cultural construído e construtor da cultura.

Para Thompson cultura é:

O padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças. A análise cultural é, em primeiro lugar e principalmente, a elucidação desses padrões de significado, a explicação interpretativa dos significados incorporados às formas simbólicas. (Thompson 1999, p. 176)

Ou seja, os padrões de significados incorporados moldam o ser humano de acordo com tal cultura. Esses padrões de significados estão dentro de determinados

contextos sociais, que envolvem relações de poder na medida em que corpos são classificados a partir de seus atributos – belos ou feios, por exemplo.

Estabelecida algumas tensões iniciais para a compreensão do conceito de cultura, traremos agora a discussão deste escrito uma questão bastante complexa, que é tentar compreender e conceituar o que entendemos por corpo.

O corpo na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty é o elemento central para a existência humana, é também através dele que o homem tem consciência do mundo. Pelo corpo o ser humano se experimenta enquanto ser no mundo. O corpo é a ferramenta da qual o homem se utiliza nas suas relações com o mundo. Trata-se de um corpo sujeito na complexidade do sentir, pensar e agir formando uma unidade corpórea dando sentido, significado, possibilidade à existência do homem no mundo, assim como também permitindo a interação desse corpo sujeito com o próprio mundo. Ainda seguindo as idéias de Merleau-Ponty, para ele sou meu corpo na mesma medida em que tenho um. Se tratando do corpo humano como meio de interação, Merleau-Ponty afirma que:

O corpo é sempre outra coisa que aquilo que ele é [...] enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado. Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total. Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em idéia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade. (1999, p. 269)

O corpo, como vimos é central no existir humano. Por conseqüência, toda ciência se apropria de uma conceituação que mais se aproxima do seu campo de intervenção sobre o corpo. Marilena Chauí, apresenta-nos alguns sentidos atribuídos ao corpo por algumas ciências e áreas do conhecimento:

A física dirá que é um agregado de átomo, uma certa massa e energia, que funciona de acordo com as leis gerais da natureza. A química dirá que é feito de moléculas de água, oxigênio, carbono, de enzimas e proteínas, funcionando como qualquer outro corpo químico. A biologia dirá que é um organismo vivo, um indivíduo membro de uma espécie (animal, mamífero, vertebrado, bípede), capaz de adaptar-se ao meio ambiente por operações e funções internas, dotado de um código genético hereditário, que se reproduz sexualmente. A psicologia dirá que é um feixe de carne, músculos, ossos, que formam aparelhos receptores de estímulos externos e internos e aparelhos emissores de respostas internas e externas a tais estímulos, capaz de comportamentos observáveis. (Chauí 2002, p. 244).

Percebemos que a autora traz diversos conceitos científicos de diversas áreas como a física, a química, biologia e a psicologia, e aí chegamos à conclusão de que cada definição de cada área específica está incompleta, porém completa na medida em que cabe a seu campo de intervenção. O conceito de corpo, fica assim reduzindo ao corpo de cada área específica, mas nunca definindo o corpo exatamente qual ele é. Ou seja, o corpo é o conceito que a física apresenta dele, porém ele o transcende, não fica limitado a isso. E, assim poderíamos denunciar a limitação de cada conceito dentro de cada uma das ciências.

Nem mesmo, entrelaçando todas essas tentativas de definição de corpo, não chegaremos a defini-lo como realmente o mesmo é em sua totalidade e complexidade. O corpo humano, realmente é tudo isso que está na citação acima, porém é muito mais que isso. Isso deixa mais clara a evidência de que a tentativa de definição do corpo por uma determinada e única ciência, define apenas parte dessa realidade humana chamada corpo, porém nunca o que realmente ele é.

É por isso que afirmamos não ser possível definirmos o corpo em sua totalidade, devido a sua complexidade. Seria um erro defini-lo a partir de uma ciência. Seria um reducionismo, um determinismo. Com as várias definições das várias ciências, podemos chegar à conclusão de uma boa parte do que é o corpo, porém realmente apenas parte ou partes, mas nunca o todo que é o corpo e sua complexidade.

Neste sentido, conceituar e compreender o corpo sob um viés de inteireza e complexidade real, passa a ser uma tarefa impossível, algo inabarcável. Uma saída para

este litígio seria a proposição feita por Le Breton (2009 p.24) “Qualquer questionamento sobre corpo requer antes a construção de seu objeto, a elucidação daquilo que subentende”. E continua “O ‘corpo’ é uma linha de pesquisa e não uma realidade em si” (Le Breton 2009 p.33).

Neste sentido, o corpo que abarcamos nesta pesquisa é o corpo conceituado a partir da cultura, dos estudos das ciências sociais e da antropologia. Ainda seguindo a linha de pensamento de Le Breton, o mesmo dissertando sobre o corpo enquanto construto da cultura, cita que:

O corpo parece explicar-se a si mesmo, mas nada é mais enganoso. O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. A caracterização do corpo, longe de ser unanimidade nas sociedades humanas, revela-se surpreendentemente difícil e suscita várias questões epistemológicas. O corpo é uma falsa evidencia, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural. (Le Breton, 2009 p.26)

Compreender e analisar o corpo como estrutura puramente biológica, é reduzir o homem a uma máquina, é torná-lo a-histórico, desculturalizado. Seguindo essa linha, dá para entendermos como acontece esse processo de construção de corpos que vai além dos conceitos biológicos. Além dessas semelhanças ou diferenças biológicas, há um sistema de significados e sentidos que cada sociedade com sua determinada cultura tatuam nos corpos dos seus integrantes, e que esse sistema define como o indivíduo construa seu corpo, ou seja, cada sociedade seguida de sua cultura define como o indivíduo deve ser e como ele deve agir, Daolio (1999) enfatiza que “O homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa) (...)” (p.39). Marcel Mauss afirma que o corpo é onde acontecem a primeiras experiências, ele é o primeiro e o mais natural instrumento humano.

O fato de estabelecermos neste escrito um diálogo tensivo a partir do anunciado problema epistemológico em se estudar corpo a partir do binômio natureza/cultura, queremos afirmar de que não compactuamos com tal cisão, amparados no que nos

afirma Vaz in (Bracht e Crisório, 2003 p.124). Porém, reconhecemos os limites semânticos de tratá-lo de forma conjunta – em interação:

Pensar sobre o corpo exige que se considere a separação ancestral entre cultura e natureza, entre uma dimensão corporal e outra que não seja. Essa separação outra vez, só pode ser não real, na medida em que se trata de um mesmo sujeito que não pode ser cindido, a não ser prototipicamente. A separação é, também, no entanto, real, já que é fundadora de nossa civilização, que a supõem. Mais que isso, ela é expressão de uma experiência que se atualiza, que é de dor e sofrimento, porque a cisão é violenta: trata-se da redução do corpo a objeto a ser conhecido e dominado.

Além de termos consciência que os corpos se apresentam de maneiras diferentes, pelo fato de estarem inseridos em diversas sociedades, com diversas culturas, temos que procurar entender quais as normas, valores, significados que levam tais corpos a serem e a agirem de tal maneira. É necessário compreender os sentidos e significados culturais que estão impregnados nos determinados corpos.

É a partir desses sentidos e significados culturais, que são formados os padrões de beleza, que cada vez mais tomam conta da subjetividade de cada indivíduo. Mesmo ele não tendo consciência desse processo, ele é atingido pelo mesmo, processo esse que se dá através dos meios de comunicações e dos valores que são transmitidos em meio a uma cultura cada vez mais capitalista, e de uma cultura onde não é necessário apenas ter um corpo “saudável”, e sim, parecer mostrá-lo ser “saudável”, onde para isso o corpo deve estar dentro de determinados padrões de beleza.

O PADRÃO DE BELEZA MASCULINO: CULTURA, MERCADO E CIÊNCIA

Os padrões de beleza que estão intimamente ligados aos sentidos e significados advindos da cultura, vêm se transformando com o passar dos tempos, assim, amparada no que nos diz Freire (2001, p. 31) “A cultura consiste em recriar e não em repetir”. Assim, os padrões de beleza junto à cultura são constantemente transformados e/ou recriados pelo fato da mesma não ser engessada, mas sim dinâmica, com isso, os

padrões também entram em um processo de transformação (cultural), criando no indivíduo novos modelos de corpo e conseqüentemente novas necessidades.

Engana-se quem pensava que apenas as mulheres se prendiam a esses padrões. Devido a esse processo de transformação e recriação cultural, cresce cada vez mais o número de homens preocupados com sua aparência, presos a padrões, buscando freneticamente o corpo perfeito. Acreditava-se que apenas mulheres estavam insatisfeitas com sua aparência, e apenas elas possuíam distúrbios como anorexia, bulimia e vigorexia, ou seja, distúrbios de imagem corporal. Mas por que se acreditava nisso? No livro “O Complexo de Adônis” os autores do mesmo fazem tal questionamento, do porquê esses distúrbios de imagem corporal são tão pouco conhecidos no meio masculino. Para eles, uma das possíveis respostas é:

(...) tanto pesquisadores científicos quanto a imprensa em geral concluíram durante décadas que os problemas com a imagem corporal e os distúrbios alimentares são doenças das mulheres (...) outra resposta é que os homens com preocupações com a imagem corporal frequentemente não revelam seus problemas com medo de serem considerados “afeminados” ou “gays”. (Pope, Phillips, Olivardia 2000 p. 14)

Ainda para esses autores (Pope, Phillips, Olivardia, 2000), outra razão é que essa crise de imagem corporal masculina é nova. Os mesmos observaram a partir dos últimos 30 anos, uma crescente e estrondosa subida do número de homens fazendo exercícios compulsivamente, aumento de taxas de usuários de anabolizantes, um super aumento nas vendas de suplementos alimentares, proliferação de tratamentos cosméticos masculinos, surgimento de inúmeras revistas e outras publicações que tratavam do “desempenho” e da “saúde” masculina.

O crescente consumo compulsivo destes produtos que prometem “cuidar da beleza masculina”, como vimos, é uma das razões do aumento de distúrbios de imagem corporal masculina, mas por que cada vez mais os homens estão insatisfeitos com seus corpos?

Vivemos em uma sociedade capitalista, sociedade de consumo onde: “No mundo moderno, o consumo se tornou o foco central da vida social. Práticas sociais, valores

culturais, idéias, aspirações e identidades são definidas e orientadas em relação ao consumo (...)” (Barbosa 2008 p.32).

Sendo assim para consumir, o homem deve ter alguma necessidade, essa necessidade é criada por meio da Indústria Cultural. Esse sistema cria no indivíduo uma necessidade de consumo, idealiza produtos para essa necessidade, assim:

Indústria cultural não se refere a uma simples característica da organização da produção de formas e conteúdos culturais nas sociedades contemporâneas (embora isso já não seja pouco). O conceito se refere a algo que passa por múltiplas dimensões da sociedade, e chega a desembocar na própria psique individual. (Cohn in Baccega 2008 p. 70,71)

Podemos dizer que a Indústria Cultural pode também agir diretamente no indivíduo atingindo no seu estado de consciência e inconsciência do indivíduo, com isso, criando assim também uma necessidade de consumo. Por exemplo, se culturalmente o homem é amplamente apresentado com músculos delineados, com pele morena e com gestos esportivizados; logo cria-se um jogo de relações de poder na medida que são atribuídos valores simbólicos às diferenças. O homem gordo, lerdo e desengonçado passa a ser visto como feio em contraponto ao modelo anterior.

O Dr. Harrison Pope³ menciona em um documentário intitulado “*Bigger, stronger, faster: the side effects of being american*” (ver referências) as seguintes considerações sobre a constituição cultural dos padrões de beleza corporal masculina:

Nossos pais e nossos avôs nunca se preocuparam em ter ou não uma barriga de tanquinho, ou qual a porcentagem de gordura corporal. Então porque é que existe no século XXI essa imensa preocupação com a imagem corporal que não existia antes?

No documentário Pope apresenta um boneco chamado G.I. Joe lançado nos anos de 1960 pela primeira vez e comenta: ele é um homem de aparência normal. Em seguida, ele mostra o mesmo boneco 10 anos mais tarde, e cita que o mesmo já tem

³ Harrison Pope é um psiquiatra americano que estuda porque os homens americanos estão ficando obcecados por seus corpos.

abdome, músculos peitorais, braços e pernas já muito mais definidos, e brinca: “ele deve ter gastado um bom tempo na academia”. E para surpresa de todos, ele mostra o mesmo Joe na década de 1990, e menciona: “o bíceps deve estar com uns 50 cm e agora, além dos músculos abdominais frontais, o boneco já esboça musculatura abdominal lateral”.

Os soldadinhos de brinquedo vendidos em 1960, os desenhos infantis, os personagens de filmes, todos eles ganharam uma imensa massa muscular nesses últimos 50 anos, e estão sendo cada vez mais minuciosamente desenhados e projetados com feições muito próximas das reais.

Trazendo para nossa temática, a ditadura da beleza, padrões estéticos masculinos que a todo momento estão presentes, e que são regidos pelos meios de comunicações e por essa cultura que dissemina esse padrão de corpo belo, agindo na subjetividade do homem, ele materializa isso criando assim uma insatisfação com seu corpo caso ele não esteja dentro dos padrões. Então para adequar-se aos padrões estéticos começa a busca pelo “corpo perfeito” (corpo esse que muitas vezes não existe). É vendida a imagem do corpo belo e perfeito. O corpo fica preso a cultura, que cria nele necessidades de consumo/mercado.

Para auxiliar o homem nessa busca frenética pelo corpo perfeito, o mercado oferece um amplo repertório de produtos, intervenções cirúrgicas que prometem adequá-los aos padrões deixando seus corpos belos e prontos para serem exibidos.

O mercado junto à ciência, disponibilizam cirurgias plásticas como o implante de silicone no peitoral, na panturrilha; lipoaspiração entre outras reparações plásticas. Cada vez mais aparecem diversos programas de dietas, diversas revistas destinadas a beleza masculina, cada vez mais as indústrias criam novos remédios, novos suplementos alimentares como vitaminas, proteínas, aminoácidos que prometem uma musculação forte, definida e sem gordura, junto a aparelhos de musculação/ginástica de ultima geração assim como também esteróides anabolizantes.

Trazemos aqui novamente os estudos dos autores do livro “O complexo de Adônis” (Pope, Phillips, Olivardia, 2000), para mostrar o quanto esses produtos disponíveis pela ciência no mercado criado a partir da busca pelo corpo perfeito, faz lucrar bilhões e bilhões a cada ano:

Só no ano de 1999, homens norte americanos despenderam mais de dois bilhões de dólares a academias e mais dois bilhões em equipamentos de musculação (...) o mercado de revistas para colocar os homens em boa forma explodiu. A circulação paga de *Men's Health*, por exemplo, subiu mais de seis vezes em apenas sete anos (...) só em 1996, homens receberam 690.361 procedimentos cosméticos (...) então temos ainda de acrescentar os bilhões gastos em suplementos nutricionais que afirmam construir musculatura ou queimar gordura. (Pope, Phillips, Olivardia 2000 p. 14)

Queimar gorduras e construir uma musculatura forte e definida é basicamente isso que os homens devem fazer para conseguirem um corpo belo, isso segundo os padrões estéticos masculinos. É exatamente essa luta contra a gordura e a busca frenética de ganhar mais massa muscular (magra), é que cada vez mais homens de todas as idades estão aderindo ao *Bodybuilding*.

Toda essa preocupação com o corpo a ser atingido pode causar distorções com a imagem corporal do homem, resultado de um problema com a imagem corporal chamada “dismorfia muscular”. Ela é caracterizada como um antônimo à anorexia nervosa, então poderia ser falada coloquialmente de “anorexia reversa”, isso por que os sujeitos com “dismorfia muscular”:

(...) persistem em exercitar-se compulsivamente apesar das dores ou das lesões ou continuam em dietas ultra-sentas de gordura e com alto teor de proteína mesmo quando se sentem desesperadamente famintos. Muitos tomam esteróides anabolizantes potencialmente perigosos e outras drogas para aumentar a musculatura, porque pensam que seus músculos não parecem bastante fortes. (Pope, Phillips, Olivardia 2000 p. 29)

Foi isso que os pesquisadores (Pope, Phillips, Olivardia 2000) detectaram ao estudar um grupo de jovens com “dismorfia muscular”. Tais pesquisadores deram a esse tipo de distorção da imagem corporal, e as diversas obsessões em busca do corpo forte,

o nome de “Complexo de Adônis”, analogia feita a Adônis que na mitologia grega era meio homem e meio deus, símbolo máximo de beleza masculina.

É esse ideal de um homem musculoso, perfeito e até mesmo inexistente, que muitos homens estão em busca diariamente, seja por meio dos bisturis das cirurgias plásticas e por meio dos halteres nas diversas academias, se utilizando ou não de suplementos alimentares, dietas e até mesmo esteróides anabolizantes. Não tem a noção de que apenas em meio a um plano ideal (ideário) existe esse modelo de homem perfeito e belo que é tanto difundido pela cultura, como por meio dos padrões estéticos de beleza masculina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos de ter consciência que o corpo é construído socialmente e culturalmente, e que vivemos em meio a uma sociedade capitalista. Assim, em meio ao capitalismo, tudo se torna produto/mercadoria e não seria diferente com o corpo, mais especificamente o corpo masculino. Seja na TV, em revistas, vemos cada vez mais matérias, propagandas, onde a temática é o corpo masculino em foco.

Diariamente somos bombardeados por imagens cuja mensagem por trás é: “teu corpo deve ser assim, busque-o”. Isso tem um impacto sobre a subjetividade do homem, mesmo ele não tendo consciência desse processo, assim vai surgindo nele uma necessidade de adquirir produtos e maneiras mais eficazes para assisti-lo em sua busca pelo corpo belo disseminado culturalmente por meio dos padrões de beleza masculina.

Toda essa cultura do corpo perfeito é amparada por uma tecnologia que está cada vez mais se superando, colocando no mercado desde diversos produtos como suplementos alimentares, a reparações cirúrgicas que prometem dar ao homem o corpo perfeito. Tudo isso faz com que aumente a busca por esse corpo belo, fazendo de homens escravos da própria imagem. Ou seja, o corpo se prende a cultura que cria nele necessidade de consumo, em um mercado que é auxiliado por tecnologias que avançam cada vez mais.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2002
- MARLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DAOLIO, J. Cultura *in* GONZÁLEZ, F. J; FENSTERSEIFER, P. E (Orgs.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 106-107. 2005.
- ZOBOLI, F. **A episteme de cisão corpo/mente: as práxis da Educação Física como foco de análise**. Tese de Doutorado em Educação no programa de pós graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Orientador: Miguel Angel Garcia Bordas. 2007.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 3d. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995- (Coleção Corpo e Motricidade)
- BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- POPE, PHILLIPS, OLIVARDIA. **O complexo de Adônis: a obsessão masculina pelo corpo**. Tradução Sergio Teixeira- Rio de Janeiro: Campus 2000.
- COHN *in* BACCEGA. **Comunicação e culturas do consumo**. São Paulo: Atlas, 2008. (Orgs.)
- SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas: Autores Associados: Florianópolis: UFSC, 2001.
- VAZ, A. Metodologia da pesquisa em Educação Física: algumas questões esparsas. In BRACHT, V e CRISORIO, R. (org). **A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas**. Campinas, SP: Autores Associados, Rio de Janeiro: PROSUL, p. 115-127. 2003.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.